

ASPECTOS DAS RELAÇÕES DISCURSIVAS ENTRE INTEGRALISTAS E INTELLECTUAIS CATÓLICOS NO ESTADO DE PERNAMBUCO (1930-1937)

Giselda Brito Silva - UFRPE

Em Pernambuco, o Integralismo foi recebido por um grupo de intelectuais católicos da Faculdade de Direito do Recife, pertencentes às famílias tradicionais do Estado, como uma proposta política-doutrinária bastante atraente para o clima de desilusão pós-1930 que pairava entre esse grupo. Além do aspecto político, defensor de um projeto político com base no Estado Forte e Centralizador, a proposta integralista se ampliava para o campo cultural e dos valores morais, que eram a base da sociedade tradicional pernambucana. Para a sociedade, a família católica era a base social e a nação era vista como uma grande família formada por famílias menores que, guiadas e orientadas por uma doutrina cristã católica, promoveriam a segurança e soberania nacionais.

Em sua maioria estudantes, bacharéis e professores da Faculdade de Direito do Recife, apesar da representatividade de outros grupos, tais como médicos e funcionários públicos, os primeiros adeptos do Integralismo em Pernambuco tomaram para si a responsabilidade de difundir o movimento no Estado. Através de Caravanas organizadas em “Bandeiras”¹, eles iam do Recife às cidades do interior do Estado e, por onde passavam, conseguiam fundar Núcleos Integralistas com o apoio de intelectuais e famílias tradicionais da cidades, atraindo também as pessoas comuns da cidade que viviam em torno destas famílias ou que as respeitava.

Os discursos produzidos por estes primeiros adeptos apontavam o integralismo como o caminho para se por fim à desordem por eles identificada como resultado da frustração com a Aliança Liberal nos primeiros anos após 1930, mas, principalmente recuperava muito das tradições católicas importantes para muitos no Estado. Em 1932, o clima era de exaltação e euforia com o integralismo, que prometia fazer crescer e renascer os valores e tradições. Para muitos destes seguidores do integralismo em Pernambuco, o

rumo político e econômico que o país tomava após a “Revolução de 30” não era o esperado, nem o prometido pelos discursos aliancistas. Queixavam-se da desordem pública da nova política, indicando lugares de práticas revolucionárias superficiais e desorganizadas. Entre as críticas não faltavam os que defendiam novos caminhos políticos a serem tomados para uma possível solução corporativista para o problema social e político: “O Brasil era um campo de experimentação política. A nossa desarticulada engrenagem política-administrativa pouco sofrerá com as modificações superficiais. O que nos incumbe, no momento histórico que atravessamos é a organização das classes sociais, comunicando-lhes um espírito corporativo e cristão”.² Um dos intelectuais que melhor reflete o clima político-ideológico do período é Nilo Pereira, que assim descreve o clima pós-30 entre estudantes e membros da Faculdade de Direito:

Logo depois de 1930, na Faculdade a juventude acadêmica, um tanto atônica e irrequieta, um tanto sem rumos e sem as certezas que procurava, volta-se para o grande tema dessa geração - 'a angustia'. As idéias entravam em choque. Buscava-se uma orientação em meio às dúvidas.... A Revolução de 1930 havia sido um momento romântico do 'Tenentismo' transformado agora em sistema de governo.³

Segundo Nilo Pereira, a “revolução havia malogrado *apesar de ter sacudido o torpor brasileiro*”. Além dessa memória, temos uma série de depoimentos que foram publicados no *Jornal Pequeno*, de grande circulação entre a intelectualidade pernambucana. Através deles, os intelectuais davam mostras de ter perdido o rumo político, encontrando-o na proposta integralista. Nilo Pereira foi um dos que, em 1932, se utilizava do jornal para expor sua decepção com 1930, para o qual Getúlio Vargas acabou se mostrando um “*governo sem horizontes, egocêntrico e inhumano, sem o controle da opinião*”.⁴ O Jornal publicou vinte e cinco depoimentos sobre a imagem política construída pela maioria dos intelectuais da cidade. Entre os lidos, não encontramos nenhum em favor da situação vigente, mesmo entre os que não se declaravam propícios à proposta integralista. Alguns apontavam esse ou aquele caminho a ser tomado para '*salvação nacional*'. As propostas partiam,

principalmente, destes intelectuais e estudantes que tomavam para si a responsabilidade de pensar os “Problemas brasileiros”. Os temas se davam em torno da questão da desordem e a necessidade de uma política que implantasse uma nova ordem contra a agitação social.

Em meio a todo esse debate e clima político, temos os intelectuais católicos que passaram a apoiar o integralismo através da produção do “*Manifesto do Recife*” em apoio ao “*Manifesto de Outubro de 32*” lançado por Plínio Salgado. Segundo os elaboradores do Manifesto do Recife, a proposta de Plínio Salgado, representava os ideais nacionalistas e católicos e era menos perigosa do que a opção comunista e menos desorganização da Liberal-democracia.⁵ Durante todo o ano de 1932, eles manifestavam-se em favor da AIB através de discursos e publicações nos principais jornais da época, especialmente através do *Jornal Pequeno*,⁶ quando este promove “enquetes” sobre a questão política do momento. Através de depoimentos expressavam sua desilusão com a política liberal, o temor das forças comunistas e a crença na nova proposta política do Integralismo. Alguns afirmavam que a falência do Liberalismo estava evidente não apenas na crise política e econômica, mas também na crise existencial e espiritual. Segundo eles, dentro do Liberalismo havia se desenvolvido um espírito individualista causador de todos os males sociais: “A origem dos erros e de todos os males de nossa vida republicana não foi a forma presidencialista. Para além da forma e dos homens existiu uma causa mais longínqua e mais profunda. Foi o espírito que a formou...foi o espírito individualista, rousseauneano, liberal, provocador de todas as revoluções burguesas e que talvez nos irá levar inconsciente e delirante até a revolução marxista...”⁷

Outros apontavam a crise liberal como consequência das brigas entre os partidos políticos e defendiam o fim dos partidos, sob uma orientação nacionalista: “...*nós precisamos é de um governo forte...o Brasil se verá livre das erupções subversivas...O nosso problema é retomar as nossas tradições...precisamos de uma orientação nacionalista...*”⁸ Outros depoimentos, que evidenciavam a total descrença no Liberalismo e a crença na solução para o problema através da implantação de um governo forte: “*Morte ao Liberalismo - o*

*facto político deixou de ser o unico a interessar o Estado. Ha o econômico. Ha o religioso. Todo o problema cultural...”*⁹

Entre os que congregaram estes ideais estavam os primeiros interlocutores da proposta integralista em Pernambuco. Frustrados, atemorizados e influenciados pelo contexto externo, que lhes oferecia o exemplo de nações que se reerguiam da Grande Guerra com a opção nazi-fascista, estes indivíduos vêem na proposta integralista de um “*governo forte*” a solução para as principais ameaças do momento. Desta forma, através de alguns intelectuais da Faculdade de Direito do Recife, a AIB apresentou à sociedade pernambucana o “Manifesto de Outubro de 32”, que respondia aos principais anseios da época. Atraindo, principalmente, os que se encontravam desiludidos com a crise liberal e ameaçados pela agitação social e o avanço comunista, a AIB converteu-se num agente político bem sucedido durante certo momento da história de Pernambuco.

A proposta integralista, além de fazer uma reavaliação crítica da crise e dos males da liberal-democracia, pregava o fim da luta de classes e, conseqüentemente, o fim da agitação social, que ameaçava a classe proprietária, através de uma fórmula filosófica que defendia a harmonia social, a partir de uma nova concepção do homem e do universo, que deveria ser levada a toda a sociedade, através de um grande movimento doutrinário (referindo-se ao Integralismo): “*Deus dirige os destinos dos Povos...homem vale pelo trabalho e pelo sacrificio em favor da Familia, da Pátria e da Sociedade. Vale pelo estudo, pela inteligência, pela honestidade, pelo progresso nas ciências, nas artes, na capacidade técnica, tendo por fim o bem-estar da Nação e o elevamento moral das pessoas.*”¹⁰

Esse discurso produziu sentido entre muitos padres e intelectuais católicos do Estado. Nesse, a vinculação do movimento com valores morais e religiosos se constituiu num fator importante para o sucesso da AIB. Não devemos esquecer que a sociedade pernambucana dos anos 30 foi marcada pelo medo do avanço das idéias comunistas, consideradas ateístas, na qual a propaganda integralista teve grande respaldo entre os

indivíduos católicos. Especialmente porque defendia valores de ordem espiritual em confronto com o mundo material:

Há na terra uma aflição continua, uma dor, um desejo secreto, uma aspiração de felicidade. Essa felicidade perfeita, sabemos impossível conseguil-a na terra, desde que o próprio homem cometeu a primeira culpa. Mas a vida em comum precisa de expansão, os instintos necessitam de freios. A liberdade não pode ser sinônimo de liberalismo, palavra inventada para encobrir o excesso da própria liberdade.¹¹

O liberalismo era associado às coisas mundanas, guiado pelo excesso de liberdade que, segundo o pensamento integralista, desvirtuava moralmente a sociedade. Marilena Chauí, apesar de defender uma postura teórica diferente da ADF aqui adotada, serve para mostrar que foi nesse campo que os discursos de Plínio Salgado possuíam um forte caráter persuasivo, justamente por estarem atrelados aos discursos religiosos. A Autora afirma que, esse dado gerou o diferencial do pensamento de Plínio Salgado em relação a outros, a medida que a linguagem literária moralizante e cristã, que evidenciava um pensamento conservador do movimento, atrelava os discursos da AIB ao campo religioso:

Creemos que no caso de Plínio Salgado o pensamento conservador se realiza pela passagem da análise sócio-política para a avaliação religiosa e moral da realidade social e política, pela passagem de algumas tentativas de análise sociológica e histórica para uma psicologia social filosofante inteiramente vazada numa religiosidade em luta contra o positivismo. Isto é, entre duas atitudes ideológicas conservadoras - a positivista e a católica, Plínio Salgado oscila sem cessar entre ambas.¹²

Em janeiro de 1936, o jornal *A Marcha*, sob a direção de Everardo A. Maciel, na cidade de Pesqueira, se dedicava a publicar notas do pensamento religioso e da família que compunham os discursos integralistas, pelas quais se pode reforçar a verificação do investimento da AIB nestes campos:

Si é verdade que a creatura humana se move, pelo seu livre-arbitrio, porém Deus conduz a sociedade, os povos, nos seus livramentos

geraes, que importa tenha a nossa Patria por castigo sobre os mãos, de passar atravez de desgraças imprevisiveis? Agora, como amanhã, temos cumprido o nosso dever, somos a dignidade da Nação. [...] por toda imensa carta geografia da Patria, anda hoje um balbucio de preces que elevam a Deus, para que Ele vos guarde e vos inspire.¹³

Essa “Nação protegida por Deus” seria, então, um pressuposto importante para o bem das famílias:

A gente desse Brazil, que sofre com o mundo, sofre com a revolução integralista, vae afirmar os direitos da família. É está certa que, com a união sagrada dos indivíduos, formando as classes, organizando o Estado e integrando a raça, a Família, por sua vez, implora ao globe, aos páreos, a solução do problema com a vida, na formação do orbe fez movimentar-se, animar-se totalmente o Homem.¹⁴

Esse tipo de propaganda integralista alcançou grande sucesso nos meios católicos e entre as classes tradicionais da sociedade. Desta forma, o ideal católico presente no discurso integralista foi particularmente influente na intelectualidade católica, na qual a proposta integralista foi bem aceita. Pela revista *A Ordem*, alguns intelectuais católicos defendiam que, “é inútil tentarmos influir no governo do paiz, christianizando a nação e o Estado, sem possuirmos uma elite realmente adextrada que esteja em condições de por em movimento as grandes massas eleitoraes, em torno de nossas idéias constructoras.”¹⁵

Tanto entre os integralistas, quanto nos meios católicos temos a imbricação dos discursos anticomunista e antiliberal revelando a interdiscursividade, que marcava o efeito de sentido dos discursos integralistas entre os católicos. Expressando a união das idéias defendidas por ambos, em 23 de maio de 1934, *A Tribuna Religiosa*, jornal que posteriormente mudou seu nome para *A Tribuna*, publicou o seguinte: “Ação Integralista Brasileira inscreveu como princípios fundamentais da sua doutrina de conceitos eternos de Deus, como governante supremo do destino dos povos, de Pátria, realidade natural e imperecível que as teorias internacionalistas do judeu Marx e de seus sucessores não conseguiram nem conseguirão destruir jamais.”¹⁶

De fato, a proposta integralista despertou grandes esperanças nos que ingressaram em suas fileiras. Para muitos pernambucanos, o Integralismo surgiu como “A Flama Verde da esperança” num conturbado contexto: *“Da desordem, melhor contemplaremos a harmonização suave do bem e choraremos com a pátria que se abate e chora, nas lágrimas dos que sofrem. Ao longe, uma flama verde de esperança se estende no litoral hospitaleiro, à vista dos brasileiros naufragos condenados pelos desgovernos dos traidores. Basta de tormento e de luta... levantemos mais uma vez o braço forte, e descansaremos à sombra do manto verde as fadigas passadas.”*¹⁷

Mesmo entre os que não eram integralistas havia a crença de que tratava-se de um movimento movido pela fé e esperança. Segundo Fernando Moraes, os integralistas projetaram uma imagem de unidade e fé: *“...mesmo divergindo dos pontos cardeais da ideologia integralista, encontro na arranda de sua mocidade um emocionante ponto de contato com o programa dos ‘Diários Associados’: ‘a unidade política e espiritual do Brasil’. Os integralistas ofereciam um espetáculo de fé e esperança.”*¹⁸.

Outro ponto de referência do significado do Integralismo pode ser pensado dentro da propagação de sua trilogia: “Deus, Pátria e Família”. Foi em torno dessas três palavras que se produziam quase todos os discursos integralistas pelos intelectuais católicos, bem como pelos responsáveis pela sua divulgação no Estado. Segundo os depoimentos, as grandes famílias tradicionais do Estado viam no Integralismo algo mais que nos outros partidos políticos.

NOTAS:

¹ Fazendo referências às *Entradas e Bandeiras* do movimento expansionista do Período Colonial, os integralistas saíam do Recife em direção às cidades do interior do Estado através de *Caravanas Estudantis*, organizadas e com a participação dos principais líderes do Estado, ou líderes de outros Estados convidados, para propagar o movimento.

² - “Enquete Política: *Depoimento de Enoch Garcia*”. Bacharelado em Direito da Faculdade de Direito do Recife, publicado no **Jornal Pequeno**. Recife, 10/11/1932.

³ - PEREIRA, Nilo. **A Faculdade de Direito do Recife**: ensaio biográfico (1927-1977) V.1 Recife: UFPE, 1977.p.238-239.

⁴ *Nilo Pereira*. **Jornal Pequeno**. Recife, 07.11.1932.

⁵ - Segundo Héglio Trindade (1974: 123), o “Manifesto de Outubro de 32” recebeu este nome porque foi publicado nesta data. O “Manifesto”, deveria ter sido publicado em junho de 32, entretanto o desencadeamento

da Revolução Constitucionalista de São Paulo prorrogara a publicação para outubro de 32, quando então nasceu a AIB.

⁶ Trata-se de um Jornal de referência do período, por onde circulavam as notícias, propagandas e veículo de comunicação entre os integralistas. Depois de 1937, esse Jornal muda em relação aos integralistas, assando a noticiar todos os informes policiais sobre a repressão àqueles.

⁷ - Depoimento de Álvaro Lins, estudante da Faculdade de Direito do Recife, membro da “Ação Universitária Catholica e, posteriormente, membro da AIB de Pernambuco. *Jornal Pequeno*, 05.11.1932.

⁸ - Depoimento de Andrade Lima Filho, catedrático da Faculdade de Direito do Recife e membro da Ação Católica e, posteriormente, diretor do “Quinzenário da Ação Integralista Brasileira”, bem como chefe nuclear do Integralismo em Pernambuco. *Jornal Pequeno*. Recife, 25.11.1932.

⁹ - Depoimento de Otto Guerra, um “leaders da ‘Ação Universitária Integralista no Recife’”. *Jornal Pequeno*. Recife, 26.11.1932.

¹⁰ - SALGADO, Plínio. “Manifesto de Outubro de 32”. *Folheto s.d. APEJE*. DOPS - Prontuário 4938. p. 2

¹¹ “*Patrícias*”. *Ação*. (Quinzenário Integralista). Recife, 30 de setembro de 1934.

¹² CHAUI, Marilena. “*Notas sobre o pensamento de conservador nos anos 30: Plínio Salgado*”. Cf. MORAES, Reginaldo et al. (Orgs.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 42.

¹³ SALGADO, P. “*Perante Deus e Perante a Patria*”. In: *A Marcha*. (Jornal integralista de divulgação da AIB na cidade de Pesqueira). Pesqueira, 22 de janeiro de 1936. p.3. Recife: APEJE.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ “*Dever Cultural*”. *A Ordem*. Recife, abril de 1932. nº. 26. Recife: APEJE; Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Olinda e Recife.

¹⁶ *A Tribuna Religiosa*. Recife, 23 de maio de 1934. APEJE.

¹⁷ - *A Evolução*. Recife, Maio de 1935. Ano II. p.1.

¹⁸ - MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.357